

# O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»  
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES  
DAVID D'OLIVEIRA  
DUARTE FRAGA  
EDUARDO D'ALMEIDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

## Apreensões

Este confronto da filosofia, assim chamada embora imprópriamente, de Spencer, com o pitoresco homem de atento desenho psicológico, verberando, no romance de Huxley, os pestíferos desmandos da excessiva industrialização de nossos dias, origem e causa poderosíssima de seus males enormes, e talvez incuráveis sem atravessarmos os riscos e perigos de um cataclismo social tremendo, é mais do que muito curioso, pois, na verdade, ilucidativo e propício a certas reflexões preliminares.

Comodamente, diríamos em síntese crítica: nem o sorriso bom humorismo daquele, ao vaticinar a felicidade do mundo energizada pela indústria, nem o fecho do pessimismo do outro, querendo isolar como daninhamente microbiosa toda a envenenada febre da actividade industrial; mas com antipática precipitação, leviano juízo ou prejuízo em favor de nossas ideias médias. Spencer limitou-se, com a aguda inteligência, todavia, a dizer o caminho que, nos variados incidentes da vida social, aparecia traçado aos novos séculos, e por onde, afoita e imperiosamente, ela se aventurou; Huxley, ironizando a mágoa e o despeito dos espíritos conscienciosos e cultos perante a negação moral, que tanta energia, multiplicando o valor e a ambição da riqueza, produzia e deixava em colossal rastro de sangue e lama, esconde no peito da sua imaginada, mas viva, figura de romance, o grito de revolta que anda em todos nossos corações, uma hora ou outra, porque, mesmo aos mais fartos e candentes, o negro espectro não deixará de atemorizar com as feridas hiantes abertas por suas garras.

Em Huxley, Rampião exclama com desalento e ansiosa inquietação: «O progresso industrial exige novos mercados, vazante da produção. Daqui, as rivalidades; e, destas, as guerras. E os progressos mecânicos importam uma maior especialização e estandardização do trabalho, com mais divertimentos, preparados em série e menos individuais, donde uma diminuição de iniciativa e de faculdades criadoras, maior intelectualização, portanto, com a atrofia progressiva de todas as cousas vitais e fundamentais da natureza humana, mais tédio e agitação, uma espécie de loucura individual, que não pode ter outro resultado que não seja a revolução das sociedades.»

Nestas palavras de romance, meramente sardónicas na aparência, sintetiza-se um estado de espírito vulgar em nossos dias, apontando-lhe as verdadeiras causas. Interrogado o famoso homem sobre o remédio a dar, sua resposta é desconcertante de ironia.

Dada a dura lei do trabalho, diz ele, que o homem viva como idiota máquina durante as 8 horas das 24, mas procura ser verdadeiramente homem livre em todas as outras. E não é o que faz, actualmente.

Encare-se o trabalho como um serviço pesado e duríssimo. Quer santificá-lo, como se tem dito por mentirosas palavras, é rebaixar a

## Frente Unica

Houve quem especulasse com a atitude de alguns velhos republicanos em face da Frente Unica, querendo dizer que eles reprovavam a sua formação por os antigos agrupamentos políticos, sobretudo, lhes não merecerem confinança. Afinal, esses velhos republicanos, à medida que vão tornando publicas as suas opiniões, desmentem em absoluto o que, sem fundamento, se afirmou sobre as suas atitudes. O Dr. Duarte Leite, nome que escusa adjectivos, tão conhecido é de todo o país, entrevistado pelo *Diário de Lisboa*, disse o seguinte:

«— Como encara a constituição dessa força?»

«— Com inteira simpatia e aplauso. Só lamento que a união dos elementos republicanos partidários se não fizesse há mais tempo e que tantos deles se tenham degladiado em lutas estereis e prejudiciais. Os meus votos vão para que a Conjunção represente um esforço sincero e uma afirmação solene de princípios.»

«As minhas esperanças vão para que ela possa desempenhar cabalmente a missão para que foi criada: Reivindicar e dignificar o regime, dentro da mais absoluta legalidade.»

«— A sua entrada para o directório respectivo?»

«— Está condicionada acessoriamente à minha situação diplomática e, principalmente, à margem da Conjunção Republicana, partindo do princípio de que suponho que terá elementos de vida e prosperidade de acção. *Suponho que surgiu a oportunidade excepcional favorável para que os republicanos dos partidos e todos os que se queiram identificar com eles, juntem os seus esforços, preparando o advento de uma era de concórdia cívica.*

«*Todos os esforços envidados neste sentido, todas as energias aproveitáveis na realização deste objectivo, representam um alto serviço prestado ao país.*»

## RESPOSTA A DAR

Ao *Comércio de Guimarães*, que no número distribuído na quinta-feira passada se nos refere, numa local intitulada «*Crê ou morres*», responderemos no número que segue, por neste nos ser impossível, dada a exiguidade do espaço. Não perderá com a demora...

nossa própria dignidade humana. Terminado ele, deve cada um libertar, deixar viver o ser humano. Reparem: «Um ser humano verdadeiro e completo. Não o leitor de gazetas, o amador de jazz, o maníaco da radiofonia. Os industriais, que facilitam às multidões divertimentos estandardizados e fabricados em série, procuram tornar-nos o mesmo imbecil durante as horas de ocio, a que o trabalho nos obriga. E' urgente fazermos o esforço necessário para sermos humanos.»

E' necessário convencer-se toda a gente, conclui, que além e acima da vida industrial, há outra vida, a verdadeira, que deve ser vivida. Paradoxo? Vejamos.

EDUARDO DE ALMEIDA.

## EM BREVES LINHAS

Num dos primeiros anos depois da guerra, em certa revista do país pior martirizado por ela, contava-se, a propósito de medidas de finanças, a história de um pobre diabo, que julgou chegar a casa com uma grande fortuna e, afinal, em seus bolsos nem o cotão encontrou.

E' o caso de que o hominho, seguindo por certa rua, ouviu o tintinar de uma moeda de prata na calçada; abaixando-se, viu e apanhou uma boa e grossa moeda.

Poucos passos andados, novo tintinar, nova moeda.

Recolheu-a, contente. Ao dobrar a esquina, a mesma surpresa e a mesma sorte. Nunca a tivera, mas, naquele dia, sentia-se desforado de muitos e quantos anos de azar.

E assim, até casa, apenas poucos passos andados, as moedas brilhavam e cantavam nas pedrinhas da calçada.

Entrou, óvante, em casa, e, quando a mulher lhe trazia a magra sôpa, exclamou radioso: «Tem-te lá! que vamos, hoje, enfiar-nos com verdadeiro banquete.»

Pressuroso, enfiou a mão em garra pelo bolso das calças... e empalideceu.

Arregalaram-se-lhe os olhos, um suor frio escorria-lhe pela cara macilenta, e nem sequer podia articular aquela verdadeira interjeição perjurativa que, em casos tais, assoma aos lábios.

A tremenda ilusão: o bolso estava furado, a moeda que ele ouvira cair uma e tantas vezes era sempre a mesma, e a única que é e possuía, aquela com que saíra de casa e que, afinal, perdêra porque, já farto de ouvir o tuiir de tanta moeda, não apanhara a última...

Esta história, humana e brejeira, pode não ser um gróssio tratado de finanças, mas contém bastante desta comzinha filosofia com que temos de nos bater na vida.

Lemos, por acaso, há dias um número do importante diário galego, *Faro de Vigo*, o qual, em artigo de fundo tratava dum caso da maior importância, de capitalíssima importância para nós.

Bastará enunciar o problema: o artigo intitulava-se, talvez, mas aproximadamente, «Las rutas aéreas de Vigo».

Uma grande companhia americana fundou, ou vai fundar, uma empresa de transportes aéreos de passageiros e mercadorias para a Europa. Indiscutível, a nossa vizinha Espanha amiga o reconhece que, são os Açores um dos indispensáveis pontos de apoios e fornecimento desses grandes transatlânticos aéreos.

¿Mas, onde arribarão no ocidente europeu — em Lisboa ou em Vigo, as duas únicas cidades que podem disputar-se essa preferência?»

O nosso colega espanhol, é claro, defende Vigo — mas não a defende com palavras, antes com incitamentos técnicos, precisos, defendidos, para que se realizem as obras indispensáveis, a fim de ser incontestada a sua supremacia.

## Tenente Gervasio de Carvalho

No último sabado, foi vítima dum desastre de automovel, que se esbarrou com uma camioneta da carreira Braga-Guimarães, o nosso querido amigo, correligionário e distinto oficial do nosso exercito, Tenente Gervasio Martins Campos de Carvalho. Recolheu ao hospital da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, onde lhe foram prestados os primeiros socorros pelo distinto clinico e nosso prezado correligionario, sr. Dr. João d'Almeida.

Tem sido visitado não só por inumeras pessoas desta cidade mas também pelos imensos amigos de Fafe.

O Povo de Guimarães faz votos pelas suas rapidas melhoras, desejando-lhe um pronto restabelecimento.

## Festa dos caçadores

Decorreu animada, se bem que prejudicada pela chuva.

O número que mais atrafu a atenção foi o Torneio, a que concorreram 50 caçadores, tendo sido disputado com entusiasmo.

Logo ao segundo pombo ficaram eliminados 11 atiradores. Fizeram a série de 6 pombos, sem errar, dez concorrentes, que deixaram para trás alguns dos favoritos da prova. Os desempates começaram ao 12.º pombo, vindo a ficar classificados, a final: João de Sá Coutinho, com o primeiro prémio; Manuel de Sousa, 2.º prémio; Alfredo Castro, 3.º prémio; Luís Azenha, 4.º prémio; José Marques Ribeiro, 5.º prémio.

## S. João na Penha

Realizam-se, nos dias 23 e 24 próximos, no monte da Penha, as festas de S. João, promovidas por uma comissão de vimaranenses que anda empenhada em dar-lhes o maior luzimento.

O programa é atraente, devendo ser farta a concorrência.

## Republicanos, recenseai-vos!

Só faltam 20 dias, 20 escasos dias, para terminar o período em que os cidadãos podem promover o seu recenseamento.

Que todos os republicanos se recenseiem! Nada pode justificar a falta de um só que seja, desde que há correligionários que se prontificam a dar todas as indicações, a facilitar o trabalho aos que não saibam como hão-de proceder.

Unidas todas as forças políticas organizadas, juntamente com os independentes de maior prestígio, hoje só há, para todos os republicanos, uma bandeira: — a da República!

Pela República, cidadãos!

Que nenhum de vós deixe de cumprir o seu dever!

## Recenseamento Eleitoral

Chamamos a atenção dos srs. funcionários militares e civis, que não estejam no exercício das suas funções, por qualquer motivo contrário à sua vontade, assim como aqueles que já pertencem às classes inactivas (reformados), que têm de fazer o seu recenseamento como qualquer outro cidadão, porque as repartições a que pertencem não os incluem nas relações do recenseamento.

Todos os republicanos que tenham dúvidas sobre a maneira de se fazerem recensear devem dirigir-se ao Centro, onde encontrarão quem os informe.

Visado pela Comissão de Censura

## ARRAIAL

Noite de S. João. Oiço os descantes  
Dum baile popular. Ao alto a lua,  
Lindo balão, sobe no céu, flutua  
Sobre a cidade. Abraçam-se os amantes

Na volupia da noite... Estralejantes,  
Cada foguete é uma espada nua,  
Risca no ar gestos de luz! A rua  
E' um basar de anseios perturbantes...

Jovem, de branco, um marinheiro leva  
Pelo seu braço uma gentil pequena  
Tambem de branco. E perdem-se na treva...

Há bailes de bebés pelos terraços.  
E eu volto a casa, só, cheio de pena,  
Levando um sonho morto nos meus braços.

AMERICO DURÃO.

## COISAS E LOISAS

## DE PALANQUE

EU não sei se a imprensa conservadora, *A Voz* à frente, tem dado ao assunto o amplo desenvolvimento de que é digno. Se não deu, devia dar-lho.

Refiro-me à questão que traz de candéas às avessas o Quirinal e o Vaticano, que é como quem diz Mussolini e o Papa.

Ora aguda, ora em surdina, hoje irritante e tempestuosa, amanhã calma, bonançosa, vai-se arrastando e, à hora a que escrevo, diz o telégrafo que as relações entre as duas potências se agravaram, a ponto de terem sido suspensas as negociações oficiais.

Em face disto e das constantes lamúrias de S. M. o Papa, que chora como um arrependido, é de crer que todos os hinos da dita imprensa conservadora, o órgão de Nemo à frente, ao fascismo e a Mussolini, recolham aos caixotes, para dar lugar às causticantes diatribes em que o faciosismo é rico quando lhe caltam o rabo.

E assim veremos desfeita a lenda — valha-nos isso, ao menos — que certa imprensa urdiu com o intuito de levar Mussolini ao Olimpo e o fascismo à categoria de «maravilha do mundo».

Veremos cair o ídolo e modelo destes fundibularios dos políticos medievais, azoragado pela cólera vingadora dos mesmos que ainda há pouco o adoravam e incensavam.

E o papa dá o «lamiré», o sinal. Ora leiam:

Referindo-se aos últimos acontecimentos, o Papa declarou:

«Assistimos à primeira manifestação dos frutos de uma educação que é a antítese da educação cristã e da educação cívica, porque *ela ensina o ódio, a irreverência e a violência*».

O sublinhado é cá da casa. Porque *ela* — repetimos — ensina o ódio, a irreverência e a violência. A educação fascista — voltamos a dizer — é a antítese da educação cristã e cívica.

Leram? São palavras do Papa, afirmações do Santo Padre, que, com certeza, as não diria sem bem nelas refletir, sem as *astigar* bem.

Palavras de quem *fala de papa*, dentro da sua *indiscutível* infabilidade, não-de ferir os mais duros timpanos da cristandade, até os de Nemo, que dará o dito por não dito e se deixará de salamaleques ao *duce*, para o mimosear com o duro biscoto das suas patuças excomunições.

Vai tremer Tróia, senhores. A cristandade, o Papa, Nemo...? Vamos gozar isto de palanque.

## ELEIÇÕES

TODO o republicano deve proceder ao seu recenseamento. Vamos ou não vamos às eleições (isso depende das garantias que nos derem) é dever nosso estar a postos para a defesa da República, principiando por saber usar do mais justo direito, do mais nobre direito que a ela devemos — o direito do voto. Unidos, um por todos e todos por um, só um fim devemos ter em vista — a vitória da República.

Não há outro lema, não pode haver outra bandeira na hora soleníssima que passa: República, só República. Demo-nos as mãos e o triunfo é fácil.

Não nos esqueçamos de que lutar pela República é lutar pela Pátria, é civismo e é patriotismo. E lutar por um Portugal melhor, por uma sociedade melhor, com uma só Lei e com uma só Justiça. E pugnar pelo bem de todos, por todos repartindo direitos e deveres, benefícios e sacrifícios. E seguir as velhas e fortes tradições nacionais, que reconhecem no Povo o principal sustentáculo da Nação e no indivíduo o cidadão no uso pleno das suas regalias.

Lutar pela República é lutar pelo Povo, nervo e sangue da nação.

naidade, por esse mesmo Povo que guerreando conquistou uma Pátria e guerreando talhou nela os seus direitos políticos!

## OVOS

NÃO senhores; não há motivo para sustos. Todas estas alterações, todos estes discursos, estas léguas de tristes parangonas e de fúnebres soliloquios, na imprensa, na tribuna e na cama, com o travesseiro, redundam em perda de tempo e de feitiço e só têm razão do ser nesta nossa prodigiosa e desvairada imaginação de abelhudos meridionais. Qual quê, nem qual carapuça!...

A tuberculose existe porque nós queremos. Não temos nós o remédio à mão?

Repassados de crença até ao tutano, tu cá tu lá com toda a fauna canónica reconhecida pelo Vaticano, questão é de querer e a coisa vai. Atiremos — atirai, portugueses! — o arpeu da crença ao santo das vossas devoções, orai, suplicai a todos os santos e santas, a todos os mártires e a todas as virgens, a todos os bemaventurados, e vereis a radiosa, a esplendorosa solução do tétrico mal num abrir e fechar de olhos. Nem alimentação, nem habitação, nem higiene! Nada disso é preciso. Não se gasta um chave galego. Metamos as mãos nos bolsos, rezemos e esperemos. E' caso resolvido. Eu bem sei que a Igreja não teve ainda tempo de fabricar um *advogado* para estes males do peito. Mas isso não faz mister.

Em último caso, temos aí a Senhora de Fátima, que a tudo vale e tudo vence (menos a imperícia ou a má sorte dos motoristas). Ela que já tem sabonetes capazes de destruir todas as mazelas intra e extra-epidémicas, que já tem cobertores e pratos com a sua vera efigie, veneras e palitos com a sua aparição; que, enfim, inçou este jardim à beira-mar plantado de amuletos os mais variados e os mais ridículos, alentando o mais repugnante dos comércios, a mais ignóbil das especulações, ela ha-de inventar qualquer ovomaltine, quaisquer vitaminas, que de vez nos livrem da peste branca.

Oraí, lusos, e dormi sossegados. Que o vosso egoísmo, que a vossa judaica avaresa se não constanja com a martirizadora ideia de que é necessário abrir os cordões à bolsa para acudir aos empastados.

Os santos lhes darão casa e pão e, em último extremo, lá está a maravilha de Fátima, que, em atenção ao vosso humanitarismo, não terá dúvida em acudir aos miseráveis com um novo maná salvador — os ovos de N. Sr.ª de Fátima.

A pior das misérias é ainda o que ainda se atola no ridículo.

## TARTUFOS

DE Belgrado comunicam que no mosteiro de Konack um frade matou a tiros de revólver o seu superior por este o ter repreendido.

E' um crime, mais um crime a provar a ineficácia da escola sem Deus. Sim; sem Deus.

Nós não podemos levar à paciência que aquele frade se criasse e medrasse à sombra da árvore divina, nem compreendemos que dentro das paredes daquele mosteiro vigiasse, protector e santificador, o divino espírito.

Não. Dentro da cela do frade nunca entrou réstea de Sol celeste, eco dulcificante do verbo sublime.

Ali, atento e previdente, não estava o olho vivo da providência e no peito do frade assassino nunca entrou o sagrado fogo da verdade revelada.

O frade, aquele frade que matou o seu irmão — os frades são todos irmãos — tinha, com certeza, cursado qualquer escola de centro republicano, ali em Alcântara.

Têm a palavra os tartufos clericais.

## Tribuna do professorado

## Das injustiças sociais

Nada há hoje que convença a quem de que a existência humana não deva de ser condicionada pelo Trabalho.

O estatuto bíblico considerou-o uma grande penalidade imposta à humanidade pela violação do respeito pelo «fruto proibido» por parte dos seus ancestrais, fazendo cair a vida terreal na luta pelo pão.

Evocando este «sentido» o sacrifício do Golgota proclama o principio de que na Terra sòmente existem irmãos.

Os seus anseios de fraternização são, porém, olvidados; repudiado é igualmente o seu conceito de igualdade; a religião é instrumentada com castas, apoiando-se na desigualdade de situações pela divisão dos homens em senhores e escravos.

Ora sòmente uma «justiça» de particularismos poderá amparar uma organização social assim estatuida, tolerando que uns sejam braços produtores e os seus semelhantes os devoradores do fruto preparado pelo seu labor na satisfação das suas necessidades físicas e no gozo de prazeres que os seus sentidos excitados reclamam.

O mundo rola; o tempo desliza; o entendimento ilumina-se; a consciência do que somos e do que valemos estabiliza-se, consolida-se; a escravização avulta-se-nos e eis que a legião dos descontentes, dos desiludidos da «Justiça Social» engrossa constituindo a vaga que alastra em ramificações poderosas pelos departamentos da vida social.

E' um exército em formação, proselitismo de uma nova religião.

São as injustiças sociais que o geram, que o apetrecham e que o mobilizam. A torpeza e a infâmia espesinham principios augustos.

Os favoritos — quasi todos desmiolados — ermos de sensibilidade e pouco tocados da dignidade atropelam triunfantemente os que num ramo e noutro da acividade humana compõem a vida e preparam o gozo alheio. São o cérebro gerador e o braço executor a ficarem para os videirinhos tecerem esplendorosamente a sua vida, aquietando-se de seguida a uma mesa sem pão, descansando num leito, sem agasalho, não dormindo ante o murmúrio lugubrememente lamentoso da sua prole.

Pertencentes a uma classe desabituada da justiça dos homens, pois que, vendo-se cheios de valor, reconhecendo que o seu trabalho é produtivo e que a sua força é digna de consideração, não podemos escrever com outras tintas.

São as tintas da verdade: ninguém olha para o seu mérito, alcançando-o ao degrau que lhe compete, e que os acomodaticios conquistam a golpes de audácia.

As bases em que se firma a sociedade hodierna impedem-na de olhar as flagrantes disparidades e enfrentá-las com a coragem dos sinceros, dos equitativos e dos justos. O predomínio pertence às injustiças clamorosas que anquilosam a dignidade e o talento humanos.

Não julgemos que somos desesperados nem tão-pouco irados contra o bem estar de outrem: ainda mesmo que evolutivamente a metamorfose operar-se á; o bem de uns, quando justamente vivido e gozado não faz mal aos outros.

E não vamos também ao ponto de almejar-mos que tudo o que existe se subverta. Não. E' sempre indispensável uma *élite* orientadora. Mas daquilo que existe vai uma distancia que só tem sabido medir quem se vê ainda fora do reconhecimento do valor da sua actividade profissional.

Junho de 1931.

PROF. JERÓNIMO FERREIRA BOTELHO.

## CASA DAS NOVIDADES

Rua da Republica — GUIMARÃES

Se quereis ser felizes habilitai-vos nesta casa.

A unica que vendeu durante um ano, além de muitos premios, duas vezes a taluda de 400 contos.

PREÇOS ESPECIAIS

## MISCELÂNIA

**O português condenado á morte** — Segundo lemos nalguns jornais, foi já marcada a semana em que Pita Soares deverá ser electrocutado.

Parece, pois, que de nada valeu tudo quanto se tem feito pela vida desse homem que, num momento de desvário, cometeu um crime gravíssimo, na verdade, mas com a atenuante de ser marcadamente apaixonado.

Num país como é o nosso, em que a pena de morte foi ha dezenas de anos abolida, não admira que cause horror o saber-se que um compatriota irá sofrer a pena última, especialmente neste caso, em que ela é imposta por juizes de uma nação onde os Al Capone e o Jak Diamond, que têm ás costas a responsabilidade de milhares de transgressões, centenas de roubos e dezenas de homicídios, ainda não passaram pela cadeira electrica.

Se queremos ressuscitar um problema que a consciência dos povos ha muito resolveu, diremos, no entanto, que, para nós, a pena de morte é sempre, em todos os casos, um assassinato legal, e nada mais, porque nada vale, nem como prevenção, nem como remédio.

**O que fazemos nós?** — Têm decorrido com brilho invulgar as Festas da cidade de Vila Real de Trás-os-Montes.

Os vilarealenses puderam fazê-las por esta simples razão: — porque *quizeram*. Quizeram com alma, com brio, com respeito por eles próprios e com muito amor pela terra onde nasceram.

Que os vimaranenses olhem para o seu exemplo.

No momento em que rabiscamos estas linhas ainda não se sabe o que fará a nossa Associação Comercial quanto a realizarem-se ou não, no ano corrente, as Festas Gualterianas. Dizem-nos, porém, que seja qual for a sua resolução — nós quasi adivinhamos qual seja... — apparecerão meia duzia de rapazes, decididos, cheios de energia e de boa vontade, que procurarão, através de todos os sacrificios, ressuscitar as tradicionais Festas.

Oxalá que assim seja. Há vinte e cinco anos que elas se efectuaram pela primeira vez. Ridículo, e por demais demonstrativo da nossa incapacidade, seria que as *bodas de prata* desse facto fóssem comemoradas simplesmente com a triste miséria das «feiras»!...

**O «impagavel»** — Referimo-nos ao *Comércio*, claro está. Àquele *Comércio* que, tendo atravessado um longo período de sonolência, despertou mal humorado e irritado, na posse de *forças* que para sempre julgavamos extintas.

Que mimo de linguagem! Quanta lealdade no ataque!!

E' um modelo, um modelo vivo dos tempos que vão passando...

**«Grupo dos Estudos Democraticos»** — Marques Guedes, professor distintissimo, jornalista brilhante que sabe tratar com seguro critério e, ao mesmo tempo, com leveza e simplicidade, os mais variados assuntos, político honesto que na pasta das Finanças mostrou seus dotes de estadista, realizando uma obra sob todos os pontos de vista notável, fundou, com outras personalidades bem conhecidas no meio intelectual português, um grupo cujo superior e principal objectivo é a propaganda, pelo livro, pela conferência, pelo jornal, dos principios democraticos, únicos pelos quais, hoje em dia, os povos podem e devem ser governados.

Aparece o *Grupo* na hora própria, devendo merecer a simpatia de todos os republicanos, tanto mais que, embora vá exercer a sua função à margem dos organismos políticos, todos os seus componentes apoiam, incondicionalmente, a formação da coligação republicana designada por — *Frente Unica*.

**Um velho sonho** — Vimos numa correspondência desta cidade para o *Noticias* do Porto que vão reunir dentro de pouco tempo os senhores acionistas do «D. Afonso Henriques». Segundo a mesma correspondência a reunião é promovida com o fim de discutir o problema da reforma da condenada casa de espectaculos.

Há dezenas de anos que alguns vimaranenses, ontem uns, hoje outros, se têm esforçado por dar á nossa terra um Teatro decente. Há dezenas de anos! Foi-se o tempo das vacas gordas, veio o das magras, estamos no das magrissimas, e ainda nada de concreto, de rial, de positivo.

Por falta de meios? Qual historia! A falta de meios é desculpa que tem servido maravilhosamente para justificar outras faltas muito mais graves: — a falta de iniciativa, a falta de brio, a falta de bairrismo.

Que desta vez o velho sonho se realize, são os nossos votos. E ás ordens, sempre, para o que for preciso.

**Serviço Policial** — Muito embora não focasse o assunto no seu mais vasto aspecto, o que sob esta epigrafe foi publicada no último número mereceu unânime aplaudo.

Os factos apontados são ninharias ao lado dos muitos outros a notar. Servem sòmente para provar a absoluta necessidade de se acabar com um estado de coisas que nos envergonha, colocando-nos em pé de inferioridade em relação a qualquer burgo sertanejo.

Sete policias, para uma terra como Guimarães, chega a esse escárnio! Sete policias para uma cidade com quinze mil habitantes!!!

Que fazem as pessoas que têm actualmente nesta terra responsabilidades de direcção politica e de administração municipal?

**Belas palavras** — O ministro do Interior da República Espanhola, numa conversa que teve com os jornalistas de Madrid, acabou desta maneira:

«Se a aristocracia suicida persiste em emigrar, tanto pior para ela. A Espanha quer homens uteis, que produzam, e não parasitas».

O ministro é irmão do Duque de Maura, que — curiosa coincidência — desempenhou o mesmo lugar no último governo monárquico.

**Paul Doumer** — A vida deste eminente cidadão francês que, de condição humilde, foi subindo, pelo seu esforço, pelo seu estudo, pelas suas extraordinárias qualidades, até ocupar a chefia do Estado, é um admiravel exemplo do que valem as democracias.

Interessante é que os nossos reacionários, muito ocupados em discutir se ele é ou não maçom, chegam ao extremo de se lhe referir em termos tais que dir-se-ia julgarem-no como pertencente á grei.

**Anedota** — Para fechar. E' velha, mas tem graça e, sobretudo, moralidade...

Numa rua, dois rapazes, ambos dos catorze para os dezasseis anos, brigam furiosamente. Um deles, o mais forte, dominou o outro ao fim de algum tempo, e, apanhando-o de baixo de si, soca-o sem dó nem piedade.

Uma senhora de idade, virtuosa e compassiva, repreende o pugilista:

— Lembra-te, menino, que já o evangelho diz: «devemos perdoar aos nossos inimigos»!

Resposta pronta do garoto: — Pis sim, mas este não é meu inimigo... é meu irmão!

E continuou a bater.

**Na casa HIGH-LIFE se encontra hoje uma transformação completa nos preços do seu enorme sortido.**

TRIBUNAL JUDICIAL DE GUIMARÃES

## ARREMATACÃO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 28 do corrente mês de Junho, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, nos autos de falência da firma João Mendes Ribeiro & Filhos, com sede no lugar do Pevidém, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, há de proceder-se em hasta pública à arrematação dos bens que vão mencionar-se, os quais serão entregues pelo maior lance que obtiverem acima do seu valor, e nas condições que se vão neste especificar, e os quais são os seguintes:

Propriedade denominada da Cancela, sita no lugar do mesmo nome, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, a qual se compõe de casas sobradadas, térreas e telhadas com diversas dependências, tendo nas trazeiras uma pequena casa construída de pedra, térrea, sobradada e telhada, que serve de adega; uma outra casa de pedra, térrea e telhada, onde está o lagar; diversas barracas de madeira cobertas a chapa zincada; uma casa construída de pedra, coberta a telha de Marselha com o pavimento em calcetaria e janelas de ferro, com vidros e fôlha zincada, tendo nas trazeiras um barraco de madeira, em mau estado, coberto a chapa zincada, um poço e um tanque de pedra; uma casa térrea e telhada ao lado poente, terrenos de horta e ramadas de ferro e arame com esteios de pedra, onde estão instaladas as urdideiras manuais e quatro teares Jacquards. E' tudo junto e unido e atravessado, em parte, por caminho. Foi avaliada em 25:000\$00.

Propriedade do Eido da Cancela, sita no lugar assim chamado, na freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, a qual se compõe de uma morada de casas térreas e telhadas, dividida em quatro moradas, com tôdas as suas dependências, terreno de horta com árvores de vinho e fruta e ramadas de ferro e arame com esteios de pedra. E' de natureza de prazo foreira ao interdito Augusto Pinto Coelho Guedes, a quem anualmente se pagam dois foros, sendo um de 1\$35 e outro de \$65, em dinheiro, os quais nos termos da lei n.º 1:645 são respectivamente de 13\$50 e 6\$50, e ambos com laudémio da quarentena. Sobre uma pequena casa, que é daquelas quatro moradas a mais pequena de que se compõe a referida propriedade do Eido da Cancela e uma porção de terreno para plantações de horta, que fica nas trazeiras da mesma casa e que mede aproximadamente 100 me-

tros quadrados, com exclusão das árvores de vinho, tem usufruto vitalício, a favor de Miquelina Rosa Exposta, viúva de Francisco José de Araújo, do lugar da Cancela, da mesma freguesia. Foi avaliada em 13:735\$00.

A propriedade do Covêlo, hoje denominada da Cancela, situada no lugar do seu nome, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, a qual se compõe de uma morada de casas sobradadas e telhadas, com sua terra de horta com árvores de vinho e fruta com ramadas de ferro e arame, com esteios de pedra e um poço com bomba. E' de natureza de prazo foreira ao interdito Augusto Pinto Coelho Guedes Simões, a quem anualmente se paga o fôro de 2\$36 em dinheiro, o qual nos termos da lei n.º 1:645, é de 23\$60, com laudémio de quarentena. Foi avaliada em 11:239\$80.

A propriedade denominada da Mourinha de Baixo, sita no lugar assim chamado, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, a qual se compõe de uma morada de casas térreas e telhadas, dividida em cinco moradas com seu rocio, terra de horta, com árvores de vinho e fruta e ramadas de ferro e arame com esteios de pedra. E' tudo junto e unido, circulado por parede. Foi avaliada em 15:000\$00.

Uma propriedade, situada no lugar da Fonte da Venda, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, que se compõe de casas sobradadas, térreas e telhadas, com tôdas as suas dependências e de terreno de horta com ramadas de ferro e arame, com esteios de pedra e ferro. E' tudo junto e unido, circulado em parte por parede. Foi avaliada em 6:000\$00.

Uma casa situada no lugar de Sumes, freguesia de Gondar, desta comarca, com 4 empenas, construída de pedra e madeira, coberta a telha de Marselha com seteiras de vidro e janelas de pau e ferro, sendo estas envidraçadas, colunas de ferro e o pavimento cimentado, onde estava instalada a fábrica de tecelagem de Joaquim da Costa Vaz Vieira, tendo junto e unida uma casa de pedra e madeira, também com o pavimento cimentado e janelas envidraçadas, onde está instalada uma caldeira, máquina a vapor, tinturaria e um tanque de pedra, tendo uma pequena dependência separada por uma divisão de madeira, a qual serve para arrecadação de diversos objectos, tendo mais, ao lado nascente, outra dependência construída de pedra e ma-

deira, coberta a telha de Marselha, um barraco de pedra e madeira coberto a telha de Marselha e duas tinas de pedra, estando uma coberta por 1 pequeno barraco de madeira e telha, terrenos a horta e incultos com ramadas de ferro e arame com esteios de pedra e ferro, tendo ao lado do sul e fora da parede, um bocado de terreno inculto com amieiros. E' tudo junto e unido, circulado por paredes. Foi avaliada em 24:000\$00.

A propriedade da Devesa de Ceiras, situada no lugar assim chamado, nesta freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, de natureza alodial, que se compõe de uma morada de casas sobradadas e telhadas, barraco também telhado, quintal e um tanque e bomba e de terra de horta com ramada e árvores de vinho e fruta. Foi avaliada em 10:000\$00. Neste prédio está incluída a instalação eléctrica com 4 candieiros e 5 tulipas. O casal denominado de Leiras, situado no lugar assim chamado, na freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, de natureza alodial, e que se compõe das seguintes glebas, a saber:

(Gleba 1.ª) O assento do casal, que consta de casas sobradadas e térreas, telhadas, cosinha térrea, cortes e barras colmaças e telhadas, lagar, eido com latada, alpendre telhado, eira parte ladrilhada e parte térrea, terreno inculto com árvores avidadas e latada, hortas avidadas e junto o campo da Porta ou de Dentro, com uma nora, o campo do Miral, a que chamava o campo da Fonte, o campo do Lenteiro ou Cortinhas e o lameiro de Dentro, lavradios e avidados, tendo ao nascente e sobre o caminho público uma latada. Foi avaliada em 30:000\$00.

(Gleba 2.ª) Campo do Santo e quintal, lavradio e avidado com latadas, tanque e um pequeno motor e poça de água. Foi avaliada em 6:000\$00.

(Gleba 3.ª) A sorte de Lampações, de mato com pinheiros. Foi avaliada em 1:000\$00.

(Gleba 4.ª) Sorte do Monte de Baixo ou do Vam, de mato. Foi avaliada em 600\$00.

(Gleba 5.ª) Outra sorte do Monte de Baixo ou do Vam, de mato. Foi avaliada em 1:300\$00.

(Gleba 6.ª) A leira da Chave na Veiga do agouro, lavradio. Foi avaliada em 1:500\$00.

(Gleba 7.ª) Campo do Afonso, lavradio e avidado. Foi avaliada em 1:500\$00.

Casais da Igreja ou do Assento de Baixo e de Cima, situados na freguesia do Paraizo, desta comarca.

(Gleba 1.ª) Assentos dos casais da Igreja ou do Assento de Baixo e de Cima, compostos de casas, quinteiro, cortes, alpendre, eira, terras de horta, de lavradio e de mato, com árvores de vinho e fruta e ramadas, tudo junto e unido e cercado por parede. Foi avaliada em 45:000\$00.

(Gleba 2.ª) Tapada denominada das Igrejas a qual se compõe de terreno de mato com pinheiros, carvalhos e eucaliptos, tôda circutada por parede, com arame farpado. Foi avaliada em 15:000\$00.

(Gleba 3.ª) Sorte de mato no monte de Calmar. Foi avaliada em 100\$00.

Propriedade denominada da Boavista, sita na freguesia do Paraizo, desta comarca, a qual se compõe de casas térreas e telhadas, terrenos de horta e ramadas, sendo uma sobre o caminho público. Foi avaliada em 5:000\$00.

Uma porção de terreno de mato, situado no monte do Santo, freguesia de S. Miguel do Paraizo, desta comarca, a qual tem pelo norte, por onde confronta com caminho público, 141 metros, pelo sul, por onde confronta com terras de Miguel de Freitas Oliveira, 57 metros, e, pelo nascente, por onde confronta, com terras do casal do Santo, 137 metros, e, pelo poente, por onde confronta com o restante terreno donde a referida porção de terreno foi desmembrada, 152 metros. Tem servidão por uma cancela existente em terreno pertencente aos antepossuidores da mencionada porção de terreno, que são os representantes de José de Castro Ribeiro e mulher Maria Tinoco Ribeiro. Foi avaliada em 1:000\$00.

Casal denominado do Paço, de natureza alodial, situado na freguesia de S. Miguel do Paraizo, desta comarca, que se compõe dos prédios seguintes:

(Gleba 1.ª) O assento do casal, que se compõe de casas sobradadas e térreas, telhadas, eido com latada, cortes telhadas, lagar, alpendre, sobradado e telhado, eira parte térrea e parte ladrilhada, hortas com latada e árvores de vinho e fruta, tendo fora do portal da sua entrada e sobre o caminho público uma latada, e, ao nascente, metendo-se de permeio caminho público, sobre parte do qual tem uma latada, em terreno inculto com penedos. Foi avaliada em 2:900\$00.

(Gleba 2.ª) Campo dos Amêdos, lavradio e avidado. Foi avaliada em 2:200\$00.

(Gleba 3.ª) Campo da Tabua, lavradio e avidado. Foi avaliada em 1:700\$00.

(Gleba 4.ª) O Campo da Devesa Alta, ou do Valado,

lavradio e avidado, tendo ao nascente e poente terra culta e inculta com carvalhos. Foi avaliado em 4.500\$00.

(Gleba 5.ª) A Devesa Alta, a que chamam monte do Ribeiro, terreno de mato com carvalhos. Foi avaliado em 1.900\$00.

(Gleba 6.ª) A Devesa de Lamelas, a que chamam Lodoso, terra de mato com carvalhos. Foi avaliada em 1.000\$00.

(Gleba 7.ª) O Campo do Rio do Meio, dividido em 2 campos, terra lavradio e de mato, com vides e carvalhos. Foi avaliado em 3.000\$00.

(Gleba 8.ª) O Campo do Rio de Baixo, lavradio e avidado. Foi avaliado em 1.300\$00.

(Gleba 9.ª) A leira de Ronfe ou Uveitas de Ronfe, lavradio e avidado, tendo ao poente duas árvores avidadas. Foi avaliado em 400\$00.

(Gleba 10.ª) A leira Longa de Ronfe, a que chamam Requeixote, lavradio, tendo ao nascente e ao poente árvores avidadas. Foi avaliada em 300\$00.

(Gleba 11.ª) A leira de Pereira, lavradio e avidada. Foi avaliada em 400\$00.

(Gleba 12.ª) O Campo do Talho do Castanheiro, ou Bancelinho, lavradio, avidado e inculto com carvalhos. Foi avaliado em 800\$00.

(Gleba 13.ª) A leira da Toucelinha, lavradio, tendo ao nascente e poente árvores avidadas. Foi avaliada em 1.000\$00.

(Gleba 14.ª) O Campo de Sob as Terças ou da Eira Nova, lavradio e avidado. Foi avaliado em 1.500\$00.

(Gleba 15.ª) O Campo das Terças, lavradio e avidado com duas latadas e com uma poça de agua da qual lhe pertence 1 dia em cada semana. Foi avaliada em 9.000\$00.

(Gleba 16.ª) A leira do Mouquinho ou das Portas, em frente das casas do Assento deste casal, lavradio e avidado. Foi avaliada em 800\$00.

(Gleba 17.ª) O rocio da presa do Ribeiro ou Paulo do Ribeiro, terra inculta com carvalhos. Foi avaliada em 300\$00.

(Gleba 18.ª) A propriedade do Pêgo Negro, ou mata dos Infernos, composta de uma casa térrea e telhada, com horta e lavradio, e inculto com carvalhos. Foi avaliada em 7:000\$00.

(Gleba 19.ª) A sorte da Fonte Má, com carvalhos. Foi avaliada em 500\$00.

(Gleba 20.ª) A sorte do Monte da Alma ou Além, lavradio e avidada, e inculta, com carvalhos. Foi avaliada em 600\$00.

(Gleba 21.ª) A sorte dos Infernos, próximo á Fonte Má, com carvalhos. Foi avaliada em 300\$00.

(Gleba 22.ª) Leira dos Amêdos Pequenos, lavradio

# BENJAMIM DE MATOS & C.<sup>a</sup>, LIMITADA

Toural — Guimarães — Telefone 64



SEDE  
LOJA DO LEQUE

Fazendas de lã, seda e algodão  
Fazendas brancas — Malhas — Perfumarias e miudezas  
Papeis para forrar casas — Maquinas de escrever

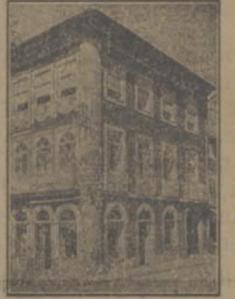
Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas

FILIAL

CASA HIGH-LIFE

Modas e miudezas — Camisaria — Gravaria — Luvaria — Perfumarias — Meias de seda e algodão — Artigos para borda

PREÇOS REDUZIDOS — VENDAS A DINHEIRO  
PREFIRAM ESTAS CASAS



e avidada. Foi avaliada em 400\$00.

A propriedade do Paço, situada neste lugar do Paço e desta freguesia do Paraiço, de natureza alodial e que se compõe de casas sobradadas e telhadas, cortes, rocio, latada e da leira do Lameiro, a que chamam a leira do Mouro, lavradia e avidada. Foi avaliada em 2:500\$00.

Propriedade do Tojal, sita no lugar do seu nome, freguesia de Gondar, desta comarca, composta das seguintes glebas:

Primeira. Duas moradas de casas terreas e uma sobradada, com cozinha terrea, todas de pedra e telhadas, com ramadas, eidos, quinteiros, alpendre telhado, eira terrea, hortas e diversos terrenos cultos, tudo junto e circuitado de parede.

Segunda. Uma morada de casas terreas, de pedra e colmo, terra de horta e uma leira lavradia, tudo cercado de parede.

Terceira. Pinhal do Tojal, cercado de parede. Foi avaliada em 8:500\$00.

Quinta do Casal de Baixo, situada no lugar assim chamado, freguesia de Gondar, desta comarca, e composta das seguintes glebas:

(Gleba 1.ª) Campos da Cortinha de Baixo e de Cima, terra lavradia e avidada. Foi avaliada em 600\$00.

(Gleba 2.ª) Assento do casal, composto de casas sobradadas, lagar, casas de caseiros, cortelhos, cortes, eidos com latadas, para um dos quais se entra por um portal ao nascente e para o outro por um portal ao norte, alpendre, eiras, hortas, junto ás casas dos caseiros, campo da Vinha de Baixo, e junto áquele um terreno de mato com carvalhos, o quintal e duas hortas, leira do Olival por baixo das hortas, duas leiras chamadas compridas e junto a uma delas um terreno inculto com carvalhos, campos do Ribeiro de Cima e de Baixo, um terreno inculto da Costeira, campo da Retorta, tendo ao nascente um bocado de terreno inculto, uma leira culta e inculta, junto ao campo da Ribeira de Baixo, duas leiras denominadas Sêcas e a bouça das Leiras Sêcas, tudo junto e unido e cercado por parede e valados. Foi avaliada em 15:000\$00.

(Gleba 3.ª) Campos da Fonte e Canos e o Pinheiral da Bouça e a Bouça Pequena, tudo circuitado por paredes e valados, tendo o campo da Fonte do lado de fora da parede ao sul e junto ao caminho um bocado de terreno inculto, terra lavradia e de mato. Foi avaliada em 7:000\$00.

(Gleba 4.ª) a sorte dos moínhos, atravessada por um caminho, terreno inculto. Foi avaliada em 150\$00.

(Gleba 5.ª) Bouça junta á sorte dos moínhos, cercada de parede. Foi avaliada em 100\$00.

(Gleba 6.ª) Terreno de mato, proximo da Bouça anterior. Foi avaliada em 100\$00.

A bouça da Sobreira. Foi avaliada em 1:000\$00.

Casal denominado do Assento do Passal, situado no lugar dêste nome, freguesia de Gondar, desta comarca, e composto das seguintes glebas:

(Gleba 1.ª) Assento do casal composto de casas terreas, sobradadas e telhadas, com suas lojas, adega, lagar de pedra, salas, quartos e cozinha, corte com eido, para onde dá entrada um portal fronho ao lado nascente, existindo sobre o mesmo eido uma latada com esteios e bancos de pau e arame. Foi avaliada em 1:800\$00.

(Gleba 2.ª) Campo denominado da reserva, tendo junto e unido tres pequenas áreas de terra culta e inculta com arvores, com agua propria de lima e rega. Foi avaliada em 6:500\$00.

(Gleba 3.ª) Um terreno de horta, denominado a Hortinha, proximo da Bouça da Fonte. Foi avaliada em escudos 900\$00.

(Gleba 4.ª) Campos do Adro e da Vinha, formando um só, com duas pequenas áreas de terra de cultura e com pequenos tratos de terra de bravio, com carvalhos. Foram avaliados em 7:000\$00.

(Gleba 5.ª) Campo da Lourinha, com uma área de terra a que chamam Melancial, com ramadas de esteios de pedra e dois poços com os respectivos engenhos, tendo junto um rço de mato com carvalhos, tudo circuitado por parede, estando incluída nesta gleba um pequeno

terreno de horta com arvores avidadas, circuitado sobre si por parede. Foi avaliada em 20:000\$00.

(Gleba 6.ª) O Campo denominado do Olival, tendo junto uma bouça de mato com pinheiros, eira com alpendre e um terreno de horta com ramadas; ao norte e junto deste predio acham-se construídas em corrente 5 moradas de casas terreas e telhadas, tudo junto. Foi avaliada em 6:000\$00. Declara-se que a maior parte das terras dêste casal anda hoje a mato.

Sorte de mato, situada proximo dos penedos e capela da Senhora do Monte, da freguesia de S. Cristovão de Selho, desta comarca, formada por duas glebas, uma situada proximo aos penedos e capela; a outra gleba tambem no mesmo sitio, atravessada por caminho publico junto á parede de Britelo. Foi avaliada em 6:000\$00.

O fôro anual de 131 litros e 72 mililitros de meado e \$08 centavos em dinheiro, imposto no Casal de Cima, aqui situado, que o falido José Mendes Ribeiro Guimarães, comprou a D. Teresa de Jesus Monteiro por escritura de 2 de Maio de 1918, lavrada pelo notario que foi da cidade de Guimarães, João Joaquim de Oliveira Bastos. Foi avaliada em 1:400\$00

Quinta da Igreja de Baixo, situada no lugar do seu nome, freguesia de Gondar, desta comarca, e composta das seguintes glebas:

(Gleba 1.ª) Campos das Presas, Grande e do Barco, 4 pequenas áreas de terra de cultura e outra área de rço, proxima, com uma só servidão, tudo junto e unido. O campo do Barco e atravessado pela estrada municipal e a este predio pertencem as águas da Pôça das Pedras. Avaliados em 15:000\$00.

(Gleba 2.ª) O assento deste casal, tambem conhecido por propriedade da Fonte, composto de casas terreas, telhadas e sobradadas, com salas, quartos, cosinhas, lojas, lagar e um pequeno eido, barra, eira, alpendre, latadas e terras de horta, tudo unido e tapado por parêde, com um portal de madeira ao lado sul, tanque de pedra e pço e terra de mato com

pinheiros, tendo duas bouças fóra do caminho. Foi avaliada em 8:000\$00.

(Gleba 3.ª) Uma bouça em que existe uma presa denominada das Pedras. Foi avaliada em 2:000\$00.

Uma bouça de mato, com carvalhos, sita no lugar de Novais, freguesia de Gondar. Foi avaliada em escudos 3:000\$00.

Campo do Burgo, situado no lugar dêste nome, freguesia de S. Jorge de Selho, desta comarca, actualmente a mato, com ramadas de ferro e arame. Foi avaliada em 3:000\$00.

O direito e acção a metade do campo denominado do Ribeiro do Bairro, actualmente chamado Campo da Feira, situado na freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca. Foi avaliada em 3:000\$00.

Uma sorte de mato, conhecida por sorte da Cabreira neste logar, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca. Foi avaliada em 1:200\$00.

Sorte de mato das chãs das Fontainhas ou Sorte Grandes, situada no Monte de Ribeirões, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca. Foi avaliada em 1:500\$00.

O sub-solo da propriedade da Cruz, situada na freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, composta de casas terreas, telhadas, e terra de horta, com o direito de poder minar, adquirido pelo falido Porfirio Mendes Ribeiro Guimarães por escritura de 14 de novembro de 1925 lavrada pelo notário desta comarca Dr. António José da Silva Basto Junior. Foi avaliada em 100\$00.

O sub-solo do Cambro do Cacheiro e banca do Pinheirinho, situados na freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, adquirido pelo dito falido Porfirio Mendes Ribeiro Guimarães por escritura de 7 de fevereiro de 1930, lavrada pelo notário desta comarca, Dr. António José da Silva Basto Junior. Foi avaliada em 100\$00.

A propriedade do Crasto, situada no logar assim chamado, na freguesia de S. Jorge de Selho, desta comarca, que se compõe de casas sobradadas e telhadas, cosinha terrea, cortes telhadas, terreno calcetado no qual existe um tanque com bomba de

ferro e sobre o mesmo terreno existe uma latada, quintal e diferentes hortas divididas umas das outras por parêde, com arvores de vinho e fruta com latadas, tendo ao sul e ao poente, sobre o caminho publico uma latada. Este prédio é na sua maior parte de natureza de praso foreiro a José de Azevêdo Menezes Cardoso Barreto, da casa do Vinhal, da vila e comarca de Famalicão, a quem, anualmente e por dia de S. Miguel, 29 de Setembro, na casa da Portela, da freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, se pagam 2 fóros, sendo 1 de 1\$20 em dinheiro e uma galinha, e outro de 2\$00 tambem em dinheiro e duas galinhas e ambas com laudemio de vintêna, e uma pequena parte de natureza alodial consistinda esta parte num terreno que foi da bouça da Cruz, pertença do casal do Arrabalde, e sendo avaliada a parte alodial em 400\$00 e a parte de praso, com deducção de fóros e laudemio em 4.400\$00, e tudo no total de 4.800\$00.

Um terreno de horta, com arvores avidadas, em frente da propriedade do Crasto, que fica descrita, nesta freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, de natureza alodial. Foi avaliada em 40\$00.

Propriedade do Burgo, situada (na freguesia digo) situada no lugar do seu nome, freguesia de S. Jorge de Selho, desta comarca, composta de casas terreas e telhadas, tendo junto terras de horta e lavradio, com ramadas de ferro e arame, talhada por parede. Foi avaliada em 8.000\$00.

A venda dos casais é feita primeiro em glebas e depois no conjunto, se desta forma produzir maior valor; e fica a cargo dos arrematantes a contribuição predial a pagar em Julho proximo, e êstes com o direito aos rendimentos respeitantes ao corrente ano.

Ficam citados quaesquer crédores incertos.

Guimarães, 3 de Junho de 1931.

O escrivão do 1.º officio,  
Agostinho da Costa Oliveira Basto.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente do Tribunal do Comercio,

Raul Alves da Cunha.